



17:27

1 de Av 5768
א' מנחם אב תשס"ח
1 de agosto 2008
Rosh Chodesh

מַסְעֵי

Mass'ei

Jornadas



18:20

A Torá contra os “puxa-sacos”

Havia no Templo em Jerusalém um local chamado Azará que, durante as festas judaicas, era usado estritamente pelos reis descendentes da tribo de Judá. Certa vez, o rei *Agripas*, que não era desta tribo, usou a Azará. Os sábios daquela época, ao invés de repreendê-lo, bajularam-no, enaltecendo seu ato porque ele era o rei naquele momento, embora *Agripas* não fosse de Judá e nem apropriado a aquele cargo. Por terem permitido esse feito, aquela geração sofreu uma punição espiritual. (Talmud da Babilônia, Tratado *Sota*, fol. 41b)

A origem da proibição de bajular outra pessoa está na *parashá Mass'ei*. Podemos encontrá-lo quando a *Torá* fala sobre assassinato involuntário e nos instrui a construir cidades de refúgio, para que nelas fossem abrigados os assassinos involuntários. Lá, eles deveriam permanecer até o falecimento do sumo sacerdote de sua época. As leis sobre este tipo de assassinato encerram-se com o seguinte versículo: “E não **profanareis** a terra em que estás...” (Num, Cap. XXXV, v. 33)

O termo “profanareis” é a tradução da palavra hebraica “*tachanifu*” que, segundo Nachmanides (*Rabi Moshe bem Nachman*, Espanha, 1194-1270), ela pode ser entendida de duas formas: “profanar”, no sentido de “impurificar” ou de “bajular”. (*Ramba”n*. Num, Cap. XXXV, v. 33)

Os dois sentidos da palavra “*Tachanifu*”, embora totalmente distintos, são aplicáveis ao assunto tratado neste trecho.

Os assassinatos involuntários entravam no limiar de crimes sem castigo. Normalmente eram causados por acidentes e descuido no manuseio de armas e ferramentas. A ausência de uma punição mais severa naqueles casos poderia causar o aumento de delitos e um descaso com a vida alheia. As pessoas não mais se preocupariam em utilizar suas ferramentas com o devido cuidado, não guardariam suas armas com a maior segurança possível e não mais tomariam o cuidado necessário para evitar acidentes a qualquer custo. Por isso, a *Torá* determina que aquele que causar a morte de alguém, mesmo sem intenção, deveria permanecer isolado da sociedade nas cidades de refúgio. Caso contrário, isso causaria a degradação da sociedade. Os cidadãos aprenderiam que a vida não é tão importante assim, pois pensariam “meu vizinho matou outra pessoa e vive normalmente!” e impunidade os levaria ao desleixo com o a segurança do próximo. Este seria o sentido de “impurificar” ou “profanar” a Terra de Israel. A santidade da vida humana estaria sendo desrespeitada, profanada e impurificada, caso não fossem isolados os assassinos.

Na segunda interpretação citada por Nachmanides, o termo “bajular” também é aplicável a este tipo de assassinato. O delituoso, ao voltar para sociedade, seria, com o passar do tempo, aceito normalmente pelas pessoas, que acabariam até se esquecendo do crime cometido no passado. Dar honra e respeito a uma pessoa que não soube ter o cuidado e respeito com a vida alheia é considerado bajulação. Por isto, a *Torá* adverte que não

“bajulemos” a (na) terra (na sociedade). Devemos nos preocupar em guardar as devidas proporções. É possível que o crime tenha sido sem querer. Mas, como uma pessoa foi morta, o assassino deve ser isolado e não premiado com o convívio normal dentro da sociedade, ou até honrado pelos que convivem com ele.

A proibição de bajular consiste em não dar honra e respeito a quem não é merecedor disto, apenas para agradá-lo. O bajulador distorce o verdadeiro valor das pessoas, enaltece um criminoso por ser seu amigo, elogia um mau caráter rico visando os benefícios que pode obter, chama de sábio um ignorante pelo fato ser seu parente.

No século passado, um grande sábio israelense, o rabino *Chaim Medini* (1833- 1904), autor do livro *Sdei Chemed*, viu-se em apuros ao publicar seu livro. O rabino *Medini*, muito preocupado com a proibição de bajular ensinada em nossa *Parashá*, resolveu que não incluiria em sua obra nenhum título aos sábios lá citados. Ninguém seria chamado de “o rabino fulano”, “Grande gênio rabino X” ou “o sábio Y”. Quando a primeira edição foi impressa o rabino espantou-se ao constatar que muitas pessoas haviam se ofendido, pois, eram realmente importantes em suas comunidades ou cidades. Antigos rabinos e sábios proeminentes, nunca antes tratados com tamanho desrespeito.

Ao imprimir a segunda edição, ele então deu ordens que introduzissem títulos importantes a todos que lá estavam citados. Novamente surgiram problemas. Pessoas citadas no livro, que não eram tão sábias e importantes, andavam com o tomo embaixo do braço para exibir quão importante e sábios eram, já que o grande rabino *Chaim Medini* assim elogiara.

Depois disso, o sábio pediu que o livro fosse devolvido e reeditou-o analisando cada pessoa citada e escrevendo antes de cada nome o devido e verdadeiro título.

Aprendemos deste exemplo real como a importância correta e o peso certo devem ser atribuídos a cada indivíduo. Ninguém deve ser desprezado. Porém, ninguém deve ser enaltecido sem méritos.

שבת שלום